



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO EM MULTIMEIOS

JÔNATAS PEREIRA DO NASCIMENTO ROSA

**MEMORIAL DO DOCUMENTÁRIO**  
***EM CONCLUSÃO: UMA COMÉDIA SOBRE AMADURECER NA UNIVERSIDADE***

Juazeiro-BA

Junho/ 2024

JÔNATAS PEREIRA DO NASCIMENTO ROSA

**MEMORIAL DO DOCUMENTÁRIO**

***EM CONCLUSÃO: UMA COMÉDIA SOBRE AMADURECER NA UNIVERSIDADE***

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado ao Colegiado do curso de Jornalismo em Multimeios, do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Carla Conceição da Silva Paiva.

Juazeiro-BA

Junho, 2024

## ATA DE APRECIÇÃO DE PARECER DE TCC

Aos quatro dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro reuniram-se na Plataforma Microsoft Teams do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, situado à Avenida Edgard Chastinet, s/n, bairro São Geraldo, Juazeiro/BA, a Banca Examinadora composta pelo orientadora Carla Conceição da Silva Paiva, avaliador Laércio Ricardo de Aquino Rodrigues e avaliador Rodrigo Almeida Ferreira, para julgar o trabalho de conclusão de curso intitulado Documentário “Em conclusão: uma comédia sobre amadurecer na universidade” de autoria do discente Jônatas Pereira do Nascimento Rosa. Após a apresentação e arguições, a Banca deliberou, segundo os critérios estabelecidos no Regimento do TCC e que foram devidamente observados por cada membro da Banca, concluindo pela:

A – aprovação integral (  );

B – aprovação condicionada aos seguintes reparos (  );

C - não aprovação (  ),

com a nota final 10 (dez). Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Orientador (a) \_\_\_\_\_



Avaliador (a) \_\_\_\_\_

Avaliador (a) \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**RODRIGO ALMEIDA FERREIRA**  
Data: 05/07/2024 09:51:12-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
**LAERCIO RICARDO DE AQUINO RODRIGUES**  
Data: 05/07/2024 12:56:36-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Juazeiro, 04 de julho 2024

“Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto, não posso parar  
Por isso essa voz tamanha”  
(Caetano Veloso)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus, sem o qual não seria possível chegar até aqui. A minha família que sempre batalhou para que eu pudesse alcançar a graduação, especialmente, minha mãe, Iranilde, que não mediu esforços para me ajudar no que precisei. A meu irmão, Esaú, que me emprestou seu notebook, sem o qual o documentário não poderia ser editado. Você é o maior! A todos que me ajudaram no processo de gravação: Juliana Pereira, Adriano Aldrin, Cibele Queiroz, Lucas Amorim e Karyne Ramos.

A Carla Paiva que acreditou no meu tema e me apoiou quando mais necessitei, tendo me escutado pacientemente, respeitando o meu processo e oferecendo um ombro amigo. Sentirei falta das nossas reuniões de orientação! Mariana Brasileiro e Júlia Mendes que dividiram as reuniões de orientação e também os desabafos. Carletes unidos! Madeleine Mourão que aceitou participar desse documentário em sua reta final assim como Mariana. Wellington Martins, o melhor amigo para rolês! Ruana Mirelle por todo o carinho e parceria. Aléxia Viana pela confiança e amizade. A professora Sielma Barros, que no segundo ano do ensino médio pediu à turma para fazer uma reportagem. Desde então, me apaixonei pelo jornalismo. Débora, Diego e Raquel. Tudo o que nos uniu e separou. Jamais esquecerei. Jujuba que me ensinou a ter coragem. Billy que me lembrou de manter o afeto durante o período mais sombrio da humanidade.

A Universidade do Estado da Bahia e tudo o que me proporcionou. A Edonilce Barros e Andréa Cristiana Santos, minhas orientadoras de iniciação científica que contribuíram para minha maturidade acadêmica. Márcia Guena que me introduziu ao universo da fotografia. Danilo Oliveira que tornou o que poderia ser uma experiência de estágio traumatizante em uma troca de conhecimento. A turma de jornalismo 2018.2 que contribuiu para o meu amadurecimento enquanto humano e profissional.

Otávio Duarte, Moacir Santana, Jéssica Cardoso e Maria Clara. Sem vocês, esse documentário não poderia existir. Obrigado.

## **RESUMO**

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é considerado como uma validação da formação acadêmica, representando o amadurecimento profissional dos discentes que precisam incorporar os saberes vivenciados, durante sua graduação, em um projeto imbuído de muita expectativa e insegurança. Nesse sentido, buscou-se compreender a trajetória de amadurecimento profissional de cinco estudantes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, a partir da experiência de construção do TCC. Para isso, realizou-se um filme-ensaio em primeira pessoa, que acompanha as experiências desses estudantes, durante os períodos finais do curso, bem como os aprendizados e códigos assimilados nesse espaço, ou seja, se conseguem demonstrar seu amadurecimento profissional, em meio ao momento crítico que o final do curso representa, onde encontram-se sobrecarregados com demandas da vida acadêmica, profissional e pessoal, muitas vezes com uma saúde mental debilitada. O estudo se caracteriza como uma pesquisa quali-quantitativa e fez uso da entrevista aberta. Constatou-se que o amadurecimento profissional é afetado por variáveis do contexto acadêmico e socioeconômico desses personagens,

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário; Amadurecimento profissional; TCC; Estágio; Universidade

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2. PROBLEMA DE PESQUISA</b>	<b>10</b>
<b>3. OBJETIVOS</b>	<b>10</b>
<b>4. JUSTIFICATIVA</b>	<b>11</b>
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>14</b>
<b>6. CAMINHOS METODOLÓGICOS E REFLEXÕES DA PESQUISA</b>	<b>21</b>
<b>7. DESCRIÇÃO DO PRODUTO</b>	<b>30</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>9. REFERÊNCIAS</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Parece ser um entendimento universal de que a vida humana é marcada por fases, transições. Passamos da infância para a adolescência e então para a vida adulta. Passamos a vida ouvindo o que devemos estudar, trabalhar e almejar - o sucesso, como se houvesse um modelo a ser seguido que nos direcionasse a felicidade. Mas, na prática, a vida é confusa e ninguém nos prepara para as diversas transformações pelas quais enfrentamos na busca de uma história ativa, mais independente. Os jovens se descobrem como os “únicos responsáveis por seus reveses ou por seus sucessos, constataam que a felicidade tão esperada lhes foge à medida que correm atrás dela” (Bruckner, 2002, p. 14).

Um dos caminhos que trilhamos em busca do sucesso é a entrada na vida universitária, que marca a passagem da adolescência para uma identidade jovem adulta. Como esclarece Coulon (2017, p. 1242), “os estudantes e suas famílias acreditam que existe uma continuidade entre o ensino médio e o ensino superior”, o que demonstra ser o contrário. Essa transição é marcada por uma série de rupturas simultâneas, tais como: extrusões nas condições de existência, rupturas na vida afetiva e protrusão relativa às regras de apropriação do saber (Coulon, 2017).

O aluno deve aprender a tornar-se estudante, se apropriar dos códigos desse novo ambiente, se afiliar. “O novo estudante deve, em particular, descobrir as rotinas, as evidências, as regras, os novos códigos da universidade. Por exemplo, o trabalho intelectual que não é explicitamente solicitado pelos professores e que é, contudo, indispensável ao sucesso [...] É necessário que aprendam seu ofício de estudante” (Coulon, 2017, p. 1243). Essa afiliação não se dá de maneira fácil, sobretudo, quando pensamos na entrada de novos sujeitos epistêmicos na universidade, sujeitos com culturas e linguagens diferentes, que por séculos tiveram suas experiências silenciadas e que acabam encontrando ainda mais desafios durante a vivência acadêmica.

De acordo com Oliveira et al. (2022), “a vivência acadêmica é um termo que tem-se empregado na literatura de Psicologia aplicada ao ensino superior. Usualmente refere-se a um conjunto geral de aspectos de experiências universitárias, os quais se refletem no desempenho e sucesso dos alunos” (p. 11900). Dessa maneira, as diversas experiências vivenciadas no ambiente universitário são responsáveis por influenciar/transformar o comportamento dos indivíduos que adentram esse espaço, exigindo das universidades políticas públicas de permanência e um Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC) que dialogue com a realidade

social de seus estudantes, formando-os criticamente e preparando-os para o mercado profissional.

O perfil profissional é moldado por esse espaço, sendo necessário entender a percepção desses estudantes sobre como a universidade os prepara para atuarem no mercado de trabalho, seja através das experiências de estágio ou no desenvolvimento dos componentes curriculares. Além disso, o ambiente universitário é capaz de possibilitar redes de apoio, afeto entre os próprios estudantes, onde muitos sentem-se confortáveis para ter seus primeiros processos de descoberta da orientação sexual e conversas genuínas sobre as dores do amadurecimento profissional.

Assim, questiono: como o processo de construção do TCC, que marca o fim da graduação e o início de uma nova transição referente ao mercado profissional, reflete na trajetória de amadurecimento profissional dos estudantes universitários? A hipótese é de que o TCC seja uma forma de vislumbrar como ocorreu a afiliação do estudante na universidade ao se apropriar das rotinas e códigos desse ambiente e quais marcadores sociais influenciaram ou não esse amadurecimento, sejam eles econômicos, psicológicos ou culturais. O amadurecimento profissional que se busca capturar aqui são os anos finais do curso, ao ser preciso lidar com a construção do TCC, enquanto se experimenta atividades do estágio e o adoecimento mental suscitado pela sobrecarga de demandas acadêmicas e o momento de transição que esse período final marca. Para isso, busca-se acompanhar a experiência de cinco estudantes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB na construção do TCC desde o momento de definição do objeto de pesquisa, na disciplina Teorias e Métodos de Pesquisa em Jornalismo no semestre 2023.1, seguido pela disciplina de Seminários Avançados, no semestre 2023.2, até o momento de finalização do produto no semestre 2024.1.

## **2. PROBLEMA DE PESQUISA**

Como a experiência de construção do TCC reflete na trajetória de amadurecimento profissional de cinco estudantes universitários do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB?

## **3. OBJETIVOS:**

### **3.1. OBJETIVO GERAL:**

Compreender a trajetória de amadurecimento profissional dos estudantes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, a partir da experiência de construção do TCC.

### **3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Acompanhar a trajetória de produção do Trabalho de Conclusão de Curso de cinco estudantes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB;
- Descrever como a vida privada influencia na construção do TCC e a sobrecarga que também esse processo de pesquisa move/transfere para o âmbito pessoal desses alunos;
- Identificar que implicações a realização do trabalho final de curso movimenta para a escolha do que fazer na vida profissional entre os estudantes de Jornalismo em Múltiplos Meios;
- Produzir um documentário com as transformações sofridas pelos estudantes durante o percurso de construção do TCC, discutindo questões como vivência acadêmica, saúde mental e amadurecimento profissional.

#### 4. JUSTIFICATIVA

A ideia de propor um documentário que acompanhe os anos finais de estudantes durante a construção de seu TCC é uma forma de colocar uma lupa sobre o que significa para cada pessoa participante desta pesquisa estar e amadurecer no ambiente acadêmico, tendo que lidar com escolhas que influenciam nosso futuro. O tema surge da minha própria angústia de chegar ao fim do curso e me sentir perdido, sem saber quais caminhos trilhar após o término da universidade e sem conseguir reconhecer a pessoa que chega ao fim dessa jornada acadêmica.

Ao me deparar com um filme chamado “Caíndo na Real” (1994), dirigido por Ben Stiller, que narra a história de Lelaina (Winona Ryder), uma jovem que após o término da faculdade resolve gravar um documentário sobre si mesma e seus amigos que estão lutando com as responsabilidades da vida adulta, me veio a ideia de gravar um documentário que acompanhe a trajetória de estudantes universitários desde a escolha do tema de TCC até a sua finalização e a decisão do que fazer após a vida acadêmica. A disposição de fazer um produto audiovisual também faz parte da aproximação que tive com a técnica fotográfica nas disciplinas de Fotografia (semestre 2022.1) e Fotojornalismo (semestre 2023.1), experimentando novas formas de contar histórias que não fossem apenas por meio da escrita. Os aprendizados adquiridos em ambas as disciplinas me desafiaram a sair do lugar de conforto e buscar novas abordagens para o encontro com o outro.

No curso houve a produção de uma grande reportagem televisiva intitulada, “Neuróticos - é hora do TCC!”, pelo jornalista Kris de Lima, que foca nas dificuldades da construção de um Trabalho de Conclusão de Curso e por qual razão gera tanta ansiedade fazendo uso de uma linguagem do infoentretenimento. Porém, a pesquisa realizada por mim, diferencia-se tanto no formato do produto quanto na intenção de acompanhar todo o processo de construção do TCC, buscando um tipo de documentário com um tom íntimo e uma câmera subjetiva com uma visão autoral sobre a temática, interagindo com os participantes num processo dialógico e documentando momentos dos seus anos finais no curso e produção do TCC. Interessou-me perceber as nuances, os medos e inseguranças presentes nesse momento de construção do trabalho final, e como ele pode ser um lugar de reflexão sobre as transformações vivenciadas por esses estudantes, incluindo questões relacionadas a saúde mental, tendo em vista, como aponta Oliveira (2022) que a vida, na universidade, altera os hábitos, a saúde mental e a qualidade de vida dos sujeitos ao longo das suas vivências nesta instituição.

Em muitos casos, a entrada na vida universitária significa um momento de transição, de amadurecimento; de abandonar o “eu” adolescente e tornar-se um jovem adulto capaz de lidar com escolhas e responsabilidades para as quais em diversos contextos não fomos devidamente preparados. Às vezes, sentimos como se estivéssemos cambaleando às cegas. Há uma expectativa de que o ambiente acadêmico nos prepare, nos capacite, que seja um espaço de segurança e autoconfiança. Contudo, apesar de oferecer possibilidades de desenvolvimento e aprendizado, a universidade também representa um ambiente de risco para a saúde mental, contribuindo para o agravamento e/ou surgimento de transtornos mentais (Oliveira, 2022).

A permanência nesse ambiente perpassa por vários fatores, entre eles: questões de raça e gênero, dimensões psicológicas, econômicas, sociais e ambientais. Esses fatores influenciam nossa performance no ambiente universitário. Tanto fatores internos e pessoais na vida privada, como relações afetivas, moradia e família, como também fatores do próprio ambiente acadêmico como aponta Oliveira (2022), que analisou os fatores associados aos Transtornos Mentais Comuns em estudantes universitários de graduação nos campi da Universidade Federal da Bahia, localizados na cidade de Salvador - BA, no ano de 2021.

Dessa forma, evidenciei nesta pesquisa como a academia ignora o externo, como há entre os estudantes um sentimento de não compreensão de suas demandas psicológicas e da pressão que sofrem ao terem que desenvolver várias competências em um curto prazo de tempo, lidando com suas dimensões internas, a experiência de estágio ou dupla jornada e a cobrança para um desempenho exemplar nas disciplinas do curso, ou seja, que promovam a excelência acadêmica naquilo que fazem. Quando, na verdade, esse modo de ser da sociedade contemporânea é produtor de adoecimento mental.

Como afirma o filósofo Byung-Chul Han (2015), vivemos em uma sociedade de sujeitos de desempenho e produção, na qual somos regidos pelo verbo modal “poder-poder”, experimentando um exagero de positividade, em que não sabemos lidar com as falhas e somos pressionados a produzir constantemente, infligindo a nós mesmos violência neuronal. Por conseguinte, a nossa afiliação no ambiente acadêmico tem custos, sendo marcada por fatores psicológicos que influenciam o nosso fracasso ou sucesso no curso. E, por mais que esse adoecimento mental faça parte das estruturas sociais, não sendo exclusivo das universidades públicas; ainda assim, a universidade é um lugar de saber e reflexão, sendo necessária uma postura crítica e acolhedora que rompa com uma concepção individualizante e neoliberal acerca do sofrimento psíquico dos estudantes.

Esse sofrimento está ainda marcado pela gestão de seus corpos e subjetividades, por um viés capitalista da produtividade e competitividade, muitas vezes ignorando os fatores de

classe, raça e gênero que influenciam todo o processo de permanência no ambiente acadêmico (Oliveira, 2022); tendo na construção do TCC seu ápice, pois exige-se desses estudantes todo um arcabouço teórico e prático que demonstre que se apropriaram desse ambiente e estejam prontos para o mercado de trabalho. Isso muitas vezes pode ser cruel, visto que essa também é uma fase de transição e “a transição da universidade para o mercado de trabalho é uma tarefa potencialmente conflituosa, podendo representar uma crise em relação à escolha profissional, uma vez que exige uma série de escolhas quanto aos possíveis caminhos profissionais” (Silva; Teixeira, 2013, p. 103).

Esse é o momento de deixar para trás a identidade estudantil e adotar uma nova postura, de confiança e seriedade na conquista de uma carreira profissional que, por vezes, é incerta numa sociedade marcada pela desigualdade social, o que move muitos sentimentos nesses jovens que podem se encontrar fragilizados com a saída da vida juvenil para uma vida adulta, tendo como marco desse rito de passagem na vida acadêmica: a construção e defesa de um projeto de trabalho de conclusão, que, desde o início do curso, é imbuído de muita expectativa e insegurança. Além disso, tendo em vista que passamos dois anos sem aulas presenciais, entende-se que os estudantes universitários sofreram uma transformação profunda dos seus hábitos, muitas vezes retornando para um ambiente que não mensurou sobre as mudanças a curto e longo prazo ocasionadas pela Covid-19. Logo, não houve uma reflexão sobre como essa suspensão da vida presencial adiou os sonhos, as expectativas profissionais e como influenciou a trajetória de amadurecimento desses estudantes (Oliveira, 2022). Esses últimos fatos também justificam a escolha de fazer esse documentário com meus colegas de turma, visto que tivemos nosso tempo de formação atrasado, tendo que lidar com um mundo transmutado quando fizemos o retorno presencial das aulas.

Assim, esta pesquisa se propôs a ser um espaço de escuta, de desabafo, em que o testemunho desses jovens pudesse ressoar entre aqueles que compartilham da mesma experiência e quem sabe contribuir para a discussão sobre o amadurecimento profissional no contexto acadêmico e as questões que o permeiam. Como uma forma de demonstrar que as experiências vivenciadas pelos estudantes, ainda que possuam suas subjetividades próprias, não são individuais, mas coletivas, provocando o curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia a refletir sobre o seu discurso.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

Entre os anos de 1984 e 1989, Alain Coulon (2017) reuniu mais 21 mil páginas sobre as experiências de estudantes do primeiro ano em universidades francesas. A partir da leitura de Van Gennep (1981), que distinguia três fases sucessivas que marcam a passagem de um estatuto social a outro, Coulon (2017) classificou três fases que são responsáveis por concretizar a afiliação ou não do estudante na universidade:

- Os novos estudantes experimentam um tempo de estranheza, ao longo do qual sentem-se separados de um passado familiar que eles devem esquecer. Em seu novo universo tudo lhes parece estranho: o ritmo das aulas não é mais o mesmo, as regras mudaram, as exigências dos professores também mudaram, ao ponto em que certos estudantes se perguntam o que realmente devem fazer;
- Em seguida é o tempo da aprendizagem, frequentemente vivido de forma dolorosa, repleto de dúvidas, incertezas e ansiedades. O estudante não conhece mais a familiaridade de seu passado escolar e ainda não tem um futuro universitário ou profissional: ele está entre os dois;
- Enfim, chega o tempo da afiliação: os estudantes descobrem e aprendem a utilização dos numerosos códigos, institucionais e intelectuais, que são indispensáveis a seu ofício de estudante. Eles começam a reconhecer e assimilar as evidências e as rotinas do trabalho intelectual. Um estudante afiliado sabe ouvir o que não foi dito, sabe ver o que não foi designado” (Coulon, 2017, p. 1247).

Essa teoria da afiliação enfrenta críticas por colocar a responsabilidade de adaptação ao ambiente universitário apenas no estudante, quando a universidade também precisa se adaptar a questões socioculturais dos discentes e os desafios que a inserção de grupos subalternizados representa para esse ambiente, muitas vezes ocidentalizado. Ainda que a entrada na universidade brasileira contemporânea tem sido marcada pela democratização do acesso ao ensino superior com a inserção de novos sujeitos epistêmicos, esses sujeitos ainda enfrentam desafios ao perceberem que os conhecimentos de suas comunidades não são abarcados pelas universidades públicas, que ainda detém uma epistemologia eurocêntrica. Esses estudantes lutam para se verem representados nesse espaço para além do ingresso na universidade, como detentores de saberes capazes de contribuir intelectualmente com a academia, trazendo novas formas de compreensão da realidade com a “heterogeneidade de horizontes de conhecimentos: indígenas, africanos, afro-brasileiros, transviados, lésbicos, travestis, dos corpos protéticos, das culturas populares e demais grupos minoritários” (Oliveira et. al, 2022, p. 11906).

Além disso, o contexto atual do ensino superior tem sido marcado por uma piora da saúde mental dos estudantes universitários, como aponta Rosana Pinheiro-Machado em reportagem do *Intercept Brasil*. Essa jornalista relata que muitos estudantes:

[...] se acham “fracos”, outros dizem sofrer da síndrome do impostor. Uns relatam assédio moral ou sexual de professores, que foram humilhados em banca, que são prejudicados por orientadores relapsos, que não sabem lidar com competição, que não veem perspectiva de futuro, que são mães e não têm apoio, negros e LGBTQI+ que sofrem discriminação etc. processos de sofrimento psíquico (Pinheiro-Machado, 2019, s/p)

A partir do aprofundamento no tema da saúde mental, Pinheiro-Machado (2019) constatou que diversos especialistas têm entendido “que o problema da saúde mental piora no século 21 porque hoje se pede muito mais de um estudante em menos tempo. Ou seja, nosso imaginário romântico sobre a vida acadêmica – sobre a produção brilhante de monografias, longas reflexões, prestígio e viagens – continua inalterado em um sistema que oferece isso apenas para uma ínfima minoria”. Assim, temos um cenário que “resulta em estudantes com insônia, distúrbios alimentares, ansiedade, desânimo, pânico, depressão e até crescentes casos de suicídio em campi. É a geração que toma ritalina para acordar e rivotril para dormir” (Pinheiro-Machado, 2019, s/p).

Em julho de 2022, o estudante da Faculdade Baiana de Direito, Guilherme Santos, de 24 anos, por exemplo, se suicidou após ser humilhado pela avaliadora da sua banca de TCC (Aratu On, 2022). O jovem não esperou nem mesmo o parecer do segundo avaliador, relataram os colegas de curso. O episódio abriu uma discussão entre os estudantes como o espaço acadêmico pode ser um ambiente tóxico e como o TCC representa um momento de muita sobrecarga emocional ainda mais quando se interliga com todas as responsabilidades exigidas dos estudantes.

Em pesquisa sobre os fatores que contribuem para o desenvolvimento de transtornos mentais comuns em estudantes universitários, que contou com a participação de 509 graduandos, sendo 367 (71,2%) do gênero feminino e 142 (27,9%) do gênero masculino, com idade média de 24,06 anos, Oliveira (2022) constatou que

(...) utilizando-se o QSD, 31,0% da amostra revelam estudar e trabalhar, 24,2% referem-se à conciliação da dupla jornada como a principal dificuldade no ambiente acadêmico, 25,0% indicam demandas interpessoais como um dos preditores do sofrimento na Universidade e 94,5% dos estudantes sinalizam apresentar sintomas de desconforto corpóreo durante o respectivo período de avaliações na IES (Oliveira, 2022, p. 164).

Esse estudo também verificou que “95,1% dos indivíduos denotam a Universidade como um espaço que causa pressão, na qual 68,0% sentem-se desamparados frente às dificuldades que vivenciam durante a trajetória acadêmica”. E que “56,6% dos acadêmicos

possuem a percepção do espaço da instituição de ensino superior como um ambiente não acolhedor” (Oliveira, 2022, p. 165).

Jéssica Cardoso, umas das personagens deste documentário, por exemplo, denota esse sofrimento psíquico ao ter que chegar ao final do curso acossada por diversas atividades, tendo que lidar com o desânimo de ir para as aulas nos semestres finais e a sensação da falta de acolhimento tanto por parte da universidade, como do estágio e vida pessoal:

É uma junção de vida pessoal com vida acadêmica mais vida profissional, porque basicamente aqui todo mundo estagia e chega um momento que a gente não dá conta. Eu entendo esse sentimento de que estamos vindo por vir, pra cumprir um calendário, cumprir uma tabela, mas que a gente não tá se sentindo estimulado em estar aqui. E é muito mais por isso, estamos na reta final, estamos esgotados. Tem outras demandas e cada ambiente que a gente está é como se existisse apenas aquela demanda para a gente cumprir. Então, quando a gente tá aqui na universidade, as pessoas lidam como se tivesse apenas a universidade pra gente cumprir as nossas responsabilidades e assim é nos outros ambientes. Quando estamos na nossa casa, muitos dos nossos familiares agem como se não tivéssemos também outras obrigações fora da nossa casa e acabamos suprimindo nossas obrigações ou não lidamos com todas as outras demandas. Isso gera um pouco de exaustão, cansaço físico e você bota isso num pacote onde uma pessoa que não tem condições financeiras ou tempo pra procurar ajuda profissional e você chega em espaços que escuta que você não tem ajuda porque você não busca, porque você não quer. Então, como você acha que está a mente de uma pessoa assim? (Cardoso, 2023).

O testemunho dessa estudante demonstra como esses anos finais são permeados por um sentimento de exaustão e esgotamento, influenciando a performance discente no desenvolvimento de suas atividades. Dessa forma, não é possível pensar o amadurecimento profissional desses universitários sem tocar na questão que é afetada a todo o instante em suas trajetórias e que traz implicações para uma boa realização das atividades acadêmicas: a saúde mental.

Segundo o Relatório Mundial da Saúde (2002), os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa. Sem um bem-estar subjetivo, sem se perceberem como sujeitos auto eficazes como esses estudantes podem ter um amadurecimento profissional pleno?

De acordo com o psicólogo e especialista em saúde mental, Rafael Oliveira (2023), em entrevista realizada para este documentário, “a literatura aborda que os primeiros anos e os anos finais dos últimos semestres são os mais críticos para o desenvolvimento de transtornos mentais, sofrimento psíquico ou adoecimento mental na universidade”. Esse profissional explica que ainda não existe um consenso nos estudos, porém:

Já sabemos que até o terceiro semestre e os últimos semestres (oitavo ao décimo) são os que precisamos ter um sinal de alerta, ficar com as antenas ligadas e promover algum tipo de acolhimento a esse estudante [...] se tratando do percurso do final do curso, sabemos de acordo com os estudos que o período de Trabalho de Conclusão do Curso é um período desencadeador de ações ansiogênicas, estressantes que geram fadiga crônica no estudante, visto que esse período do TCC faz com que o estudante eleve sua carga de trabalho e também porque ele precisa provar o que aprendeu durante toda a sua trajetória acadêmica em apenas um TCC. É como se aquele trabalho fosse definir toda a trajetória e a vida profissional dele (Oliveira, 2023).

Desse modo, busquei compreender as maneiras pelas quais os estudantes conseguem evidenciar, durante o processo de construção do TCC, os aprendizados e códigos assimilados nesse espaço, o tempo de afiliação (Coulon, 2017), ou seja, se conseguem demonstrar seu amadurecimento profissional, em meio ao momento crítico que o final do curso representa, onde encontram-se sobrecarregados com demandas da vida acadêmica, profissional e pessoal, muitas vezes com uma saúde mental debilitada. Assim, observei se o tensionamento e o amadurecimento discente se dá de forma plena ou se há fatores que afetam uma fruição completa desse tempo da afiliação e o que isso significa para o desenvolvimento da persona profissional desses estudantes e sua futura inserção no mercado de trabalho.

Segundo Guimarães; Sobrinho (2020, p. 84), o Trabalho de Conclusão do Curso é considerado como um instrumento de validação da formação acadêmica, “incentivando, por meio dele, a pesquisa científica, bem como o aprofundamento do estudo a áreas delimitadas do curso de formação tocando, direta ou indiretamente, a sociedade, buscando produzir resultados que sejam significativos, aplicados e transformadores”. Através de um estudo descritivo-exploratório, os dois autores identificaram fatores facilitadores e dificultadores na realização do TCC. “Constatou-se que os fatores facilitadores mais relevantes para a elaboração do TCC são a empatia do professor, a disponibilidade do orientador, a liberdade para escolher o tema, o domínio do tema pelo orientador e o apoio da família e amigos.” Entre os fatores dificultadores, destacam-se “a mudança de orientador, o tema escolhido pelo orientador, o acervo da biblioteca, o tempo e o custo direto e indireto para a elaboração do TCC” (Guimarães; Sobrinho, 2020, p. 97).

Apreende-se que os fatores que influenciam a elaboração do TCC podem ser de ordens técnicas, econômicas e psicológicas e que sua realização não é apenas um elemento de obrigatoriedade do percurso formativo, mas também “uma experiência que mira no mercado de trabalho, potencializando as competências e as habilidades do aluno para atuação deste na profissão que escolheu” (Guimarães; Sobrinho, 2020, p. 86). Além de ser um lugar de

experimentação, o TCC pode apresentar vislumbres da atuação profissional, fazendo-se importante verificar se esse trabalho de conclusão influencia ou não a decisão do que fazer na vida profissional entre os estudantes do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB.

No que concerne à profissionalização, a universidade deve proporcionar um ambiente acadêmico que possibilite “o desenvolvimento das habilidades dos estudantes, fazendo com que estejam habilitados a atuar em diversos setores, expondo uma flexibilidade dentro das empresas” (Francisco, 2012, p. 13). Disciplinas práticas e a interação entre professor-aluno, aluno-aluno são algumas das experiências que permitem o amadurecimento profissional. O ambiente acadêmico proporciona algumas atividades que permitem testar nossa capacidade analítica e pôr à prova nossas habilidades de decisão, reflexão e trabalho em equipe, muitas vezes, exigindo que se lide com adversidades, com o não sabido e com isso adquira experiência que pode ser relevante ao mercado profissional.

Além disso, o Projeto Político Pedagógico do Curso ajuda a moldar um modelo de ensino que traga em si um diferencial que ajude os estudantes a adquirirem as habilidades necessárias para adentrarem o mercado profissional com uma bagagem cultural e crítica, desvinculando a noção de focar apenas na avaliação, mas possibilitando a interdisciplinaridade de conteúdos e o acesso a atividades de ensino, pesquisa e extensão que contribuam para o amadurecimento intelectual dos alunos (Francisco, 2012). Uma das estratégias encontradas pela universidade para contribuir no amadurecimento profissional dos estudantes para que se percebam como sujeitos auto-eficazes é a experiência de estágio.

O curso de Jornalismo em Múltiplos Meios oferece tanto a oportunidade dos estudantes fazerem estágio não obrigatório, recebendo remuneração pelas atividades desenvolvidas, como também o estágio supervisionado, sem remuneração. O estágio sem remuneração é uma etapa obrigatória, de acordo com o currículo e o projeto pedagógico do curso, por conseguinte, sua carga horária é requisito para aprovação e obtenção do diploma, como aponta o Regulamento do Estágio para o Curso de Bacharelado de Comunicação Social (Juazeiro, 2013). No entanto, não há uma reflexão no curso sobre as dinâmicas que envolvem o estágio não obrigatório.

Em artigo sobre o estágio supervisionado no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, Pereira e Leal (2018) focam apenas nas contribuições positivas do estágio obrigatório, ignorando as tensões que existem no estágio feito dentro dos espaços da universidade e descrevendo o estágio não obrigatório “apenas como um carga-horária opcional do discente” (p. 1), sem mensurar os aprendizados e conflitos que o estágio remunerado provoca nas trajetórias dos discentes. Como aponta a personagem Jéssica Cardoso, os estudantes do curso,

desde os primeiros períodos da graduação, visualizam o estágio não obrigatório como uma forma de se manter financeiramente na universidade. Pela falta de acompanhamento adequado da comissão de estágio, muitas vezes, os discentes acabam atuando sem supervisão ou até mesmo realizando cargas horárias abusivas e funções que não dizem respeito à atuação de um estagiário em fase de aprendizado e conhecimento da profissão.

Outro problema é que a reflexão sobre o papel pedagógico do estágio só é feita no final do curso, na disciplina de Estágio Supervisionado, quando a maioria desses estudantes já passaram pelo estágio remunerado sem ter ciência do papel formativo e crítico do estágio e a importância de uma atuação participativa entre docente, estudante e o profissional do campo, onde o exercício da prática ocorre. Como explica Barboza (2012), a questão é como inserir o estágio no debate sobre o ensino de forma mais estruturante e menos complementar:

Quando legitimado e apropriado pelo processo de ensino como espaço pedagógico permanente e não residual, apto a referenciar escopo e dimensões de estratégias e perspectivas formativas inscritas nos projetos políticos pedagógicos, o estágio torna-se um caminho fundamental para evitar a cristalização do ensino e seu isolamento do dinâmico campo profissional e de conhecimento (Barboza, 2012, p. 86).

É pela falta desse debate no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios que os estudantes se sentem desamparados teoricamente para lidar com o estágio extracurricular, sofrendo com vivências nesses ambientes que podem instituir vícios para a prática jornalística e relações de conflitos no processo de formação profissional. Portanto, cabe à universidade fazer uma ponderação aprofundada sobre as contribuições do estágio extracurricular, visto que, o estágio se caracteriza como uma fase importante do amadurecimento profissional.

A preocupação com o que fazer depois de formado tende a aparecer no último ano ou semestre da faculdade. Não parece haver uma exploração sistemática das alternativas profissionais existentes. Estratégias, neste sentido, são praticamente desconhecidas. É frente à iminência da conclusão do curso que o formando se dá conta de que não sabe o que vai fazer logo após a formatura (Teixeira; Gomes, 2004, p. 57)

Assim, ao chegarem nos anos finais do curso, os estudantes tendem a desenvolver uma preocupação maior com o futuro e a profissionalização. É por meio da adaptabilidade de carreira que o estudante realiza um conjunto de atitudes e comportamentos que o permite ir construindo sua carreira “à medida em que se orienta ao futuro (preocupação), explora possibilidades e é aberto a experiências (curiosidade) e percebe-se confiante (confiança) e capaz de exercer algum controle (controle) sobre sua trajetória” (Silva, Teixeira, 2013, p. 104).

Para entender como os estudantes começam a se tornar profissionais e adquirir recursos de adaptabilidade de carreira, é preciso considerar “o desenvolvimento do autoconceito ou da identidade (autoconceito e identidade são tomados como equivalentes neste estudo). O autoconceito pode ser entendido como a imagem que uma pessoa tem de si nos diversos papéis que desempenha ao longo da vida, como por exemplo, filho ou filha, pai ou mãe, estudante ou trabalhador” (Silva, Teixeira, 2013, p. 104). De forma que, na transição da universidade para o mercado de trabalho, “os indivíduos são demandados a se identificarem mais intensamente com o papel de trabalhadores e menos intensamente com o de estudantes”, sendo o início do exercício da profissão um ponto crucial no processo de construção dessa identidade profissional, caracterizando-se como o momento a partir do qual o indivíduo será reconhecido socialmente de acordo com sua profissão (Silva; Teixeira, 2013).

São justamente as experiências de estágio que se destacam como atividades relevantes para a formação profissional e o desenvolvimento profissional. “Os estágios, além de se relacionarem com uma maior empregabilidade dos recém formados, também servem como uma aproximação à realidade do mundo do trabalho, contribuindo para o desenvolvimento de competências transversais (ou seja, não técnicas, tais como responsabilidade, autonomia)” (Silva; Teixeira, 2013, p. 105).

Em estudo que explorou a experiência de transição universidade-mercado de trabalho entre jovens universitários em fase de conclusão de curso, Teixeira e Gomes (2004), identificaram que as experiências de formação que marcadamente contribuem para um senso de competência “são as experiências práticas, o estímulo e reconhecimento de outras pessoas (pais, professores, supervisores e colegas), modos de engajamento e o percurso por diferentes trajetórias” (p. 55). Esses autores inferiram também que “o encorajamento e a reafirmação verbal, vindos de professores, de colegas, ou mesmo de familiares, mostraram-se efetivos na superação da insegurança – algo que a prática, por si só, parece não ser capaz de produzir” (Teixeira; Gomes, 2004, p. 56), demonstrando que, nessa trajetória final, não apenas as experiências práticas, sobretudo a vivência do estágio, são essenciais para um sentimento de segurança e eficácia na construção da identidade profissional, mas também o acolhimento dos docentes, supervisores de estágio e da rede de apoio desses estudantes.

Nota-se que as atividades extracurriculares como estágio ou projetos de pesquisa e extensão permitem que os estudantes tenham contato com possibilidades de trabalho não imaginadas antes de adentrar esse espaço, sendo uma contribuição valiosa da universidade para esse amadurecimento profissional. No entanto, Teixeira e Gomes (2004) destacam que a

preparação para a transição de estudante para profissional do mercado de trabalho é uma ausência na formação universitária atual.

## **6. CAMINHOS METODOLÓGICOS E REFLEXÕES DA PESQUISA**

Esta pesquisa pode ser caracterizada de natureza quali-quantitativa, uma vez que objetivou produzir reflexões sobre o amadurecimento profissional de cinco estudantes de Jornalismo em Múltiplos da UNEB em conclusão de seu curso, mas também aplicou um questionário com alguns egressos do mesmo curso para quantificar se o TCC influenciou ou não em suas identidades/carreiras profissionais e quais os fatores facilitadores/dificultadores de construção do TCC.

Segundo Marques et al. (2023), a abordagem quali-quantitativa tem se tornado uma tendência entre os pesquisadores pela possibilidade de suprir as deficiências que essas metodologias apresentam isoladamente, focando na complementaridade ao unir a análise direta de dados que uma apresenta a perspectiva mais interativa da outra. Assim, "o método deve ser apresentado como um facilitador que busca atender às expectativas do pesquisador rumo ao alcance de questões que possibilitem compreender o objeto de investigação adotado na pesquisa científica" (Marques et al., 2023, p. 340).

A primeira etapa da pesquisa previu uma revisão bibliográfica na qual se elencou três palavras-chaves centrais para busca de referências no Google Acadêmico. As palavras foram vivência acadêmica, TCC e identidade profissional. Foram encontrados os seguintes dez trabalhos, entre artigos e dissertações, que foram utilizados como arcabouço teórico para o presente estudo: "WebTCC-Plataforma para controle e acompanhamento de trabalhos finais de curso"; "Produção do conhecimento na universidade: reflexões e incumbências em torno do trabalho de conclusão de curso"; "(Sobre) vivência acadêmica e pandemia da Covid-19: percepções de estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS"; "Vulnerabilidade mental e suicídio por contágio durante a vivência acadêmica"; "A responsabilidade social na vivência acadêmica"; "Transtorno de personalidade borderline: narrativa de uma vivência acadêmica no ensino superior"; "Relação entre vivência acadêmica e ansiedade em estudantes universitários"; "Trajetória acadêmica de estudantes universitários quilombolas do Morro do Fortunato"; "Saúde mental de estudantes universitários: fatores associados aos transtornos mentais comuns durante a vivência acadêmica"; e "A entrada de novos sujeitos epistêmicos na universidade e os desafios da vivência acadêmica."

Percebemos, durante essa primeira pesquisa bibliográfica, a pouca presença de estudos sobre a questão do TCC e suas implicações para o amadurecimento profissional, bem como da transição da identidade de estudante para profissional do mercado de trabalho. Mas, ao pesquisarmos “vivência/trajetória acadêmica”, os estudos sempre apontam para a questão da saúde mental e dos sujeitos subalternizados que adentram esse espaço de saber.

Na sequência, foram realizadas entrevistas. O método de entrevista adotado é o da entrevista aberta, na qual o entrevistador “introduz o tema e o entrevistado tem liberdade de discorrer sobre o tema sugerido”, sendo mais utilizada quando o pesquisador busca atingir “o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão” (Boni; Quaresma, 2005, p. 74), o que abre espaço para uma conversa mais informal. Desse modo, foi possível adotar um processo de filmagem para o documentário como um diálogo, entre aquele que filma e quem é filmado, muitas vezes, colocando a câmera na mão dos participantes e dando-os a liberdade de gravar aquele que os acompanha.

Nesse processo, alguns estudantes, amigos, colegas que fazem parte do contexto sociocultural em que estão envolvidos os participantes da pesquisa, também são convidados a colaborar no processo de filmagem. O criador do documentário coloca a câmera em suas mãos, e num processo de negociação e troca, constrói junto com esses colaboradores eventuais ângulos e planos que melhor expressem o momento a ser gravado.

Segundo Mesquita (2010), o documentário brasileiro recente tem se distanciado de valores como generalidade e tipificação para reduzir o enfoque e trazer a abordagem da experiência e visão de um único ou poucos indivíduos. “Por vezes, valoriza-se uma perspectiva pessoal e assumidamente parcial pela enunciação, e uma atitude relacional e dialógica (o filme como relação, diálogo e negociação entre quem filma e quem é filmado)” (p. 105). Por isso, o estilo de documentário sendo realizado nesta pesquisa é o filme-ensaio, partindo de uma subjetividade em que “o ensaísta parte de si, compõe-se a partir de seu entorno, inscreve-se na cena, mas não para permanecer aí fechado, enclausurado, mas para sair fora de si, ir além de si, abrir-se ao mundo e ao devir das suas forças [...]” (Teixeira, 2019, p. 28). No ensaio fílmico, o ato de pensar se torna preponderante, com a inscrição em corpo e voz do ensaísta, ou, com a inserção da terceira pessoa, de “intercessores”/“personagens conceituais” que tensionam um outro de si e um outro como alteridade radical (Teixeira, 2019).

Além da minha própria experiência, foram escolhidas para serem contadas neste documentário, as trajetórias acadêmicas de quatro colegas do curso: Jéssica Cardoso, Maria

Clara de Oliveira, Moacir Santana e Otávio Duarte. Os participantes em questão foram escolhidos pela relação de amizade que tenho com eles, permitindo uma aproximação maior de suas experiências. Outro fator considerado foi o caráter prático de seus TCCs, que exigem que se movimentem para entrevistar pessoas, conhecer novos espaços e fazerem uso de técnicas pouco experimentadas por eles durante o curso, movendo uma ação instigante para ser registrada num produto audiovisual.

Vale ressaltar que, apesar desses personagens estagiarem em veículos de comunicação, eles escolheram para construir o TCC linguagens que não estão relacionadas diretamente com as técnicas jornalísticas utilizadas nesses espaços. Jéssica Cardoso estagia numa emissora de TV e irá escrever um livro-reportagem assim como Maria Clara que passou por diversas assessorias de comunicação optou pelo livro-reportagem. Moacir estagiou na rádio Grande Rio FM e irá realizar um mini documentário. No meu caso e de Otávio, focamos nossa trajetória acadêmica na pesquisa científica e agora nos deparamos com novos desafios.

Inicialmente, acompanhei as trajetórias de Jéssica, Moacir e Maria Clara, desde abril de 2023 até novembro de 2023, gravando suas primeiras ideias para o pré-projeto de pesquisa, suas dúvidas e dificuldades com esse processo até o aprofundamento de suas vivências acadêmicas e experiências no estágio. No entanto, houve um imprevisto no decorrer desse processo: os três participantes só poderão colar grau em 2024.2, impedindo que eu registre o processo de construção do produto final, visto que tinha previsão para colar grau um semestre antes que eles, suscitando algumas questões sobre seguir ou não com eles nesse processo. Como afirma Uema (2018, p. 7) “diferentemente da ficção que se tem em mente o processo que será realizado, o documentário é altamente volátil e incessantemente repensado”.

Ao me ver num impasse causado por essa volatilidade, decidi aceitá-la e seguir com esses personagens até o momento da minha formação, capturando as nuances desses participantes ao ganharem mais tempo para preparar o TCC e pensar sobre o seu futuro profissional. Como contraponto, resolvi trazer mais um participante, Otávio Duarte, que se forma agora junto comigo no semestre 2024.1, para demonstrar a experiência final do TCC a partir da construção do produto e as angústias envolvidas na produção desse objeto. Mas também, para registrar a contradição de tempos que esses personagens vivenciam e o que isso implica para suas relações interpessoais e o próprio fazer deste documentário.

Devido a essa contradição de tempos, Otávio enfrentou algumas dificuldades em sua vida pessoal, que muitas vezes exigiram que ele se deslocasse para a casa de sua mãe no Distrito de Pilar, como também, questionamentos sobre se continuaria ou não em Juazeiro para conclusão do TCC pela necessidade de fazer estágio em outra cidade. Isso acabou

colocando em questão se ele conseguiria realizar seu projeto de forma presencial. Assim, foi preciso acompanhar mais duas colegas do curso nessa reta final para poder contemplar a realização do produto experimental de pesquisa na prática e o amadurecimento que esse processo proporciona. Foram escolhidas Mariana Brasileiro e Madeleine Mourão, da mesma turma que os outros participantes.

Além disso, também decidi continuar seguindo os três personagens com os quais iniciei as filmagens, porque o adiamento da sua formação para o semestre 2024.2 representa um dado de como o amadurecimento profissional é influenciado por aspectos que envolvem a vida acadêmica, pessoal e socioeconômica desses participantes, no sentido de que esses personagens não irão se formar com a turma que ingressou no curso por uma série de fatores que vão, desde sobrecarga mental pela quantidade de atividades realizadas na universidade e nos estágios, como também dinâmicas interpessoais. Fora isso, eles tiveram a formação atrasada pela pandemia o que trouxe diversos obstáculos a suas performances acadêmicas e a apropriação ou não das rotinas propostas pelo curso de Jornalismo em Múltiplos Meios. Não conseguir acompanhar suas trajetórias até o momento de finalização do TCC significa representar como esse amadurecimento profissional tem sido colocado a prova e como esses participantes têm que lidar com isso, com o adiamento de seus sonhos e a necessidade de ter logo o seu diploma de graduação.

Como estou envolvido neste processo de feitura do TCC, torno-me também participante da pesquisa, um observador participante. “Na observação participante o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo” (Proença, 2007, p. 9). Assim, o pesquisador torna-se parte de tal universo, e na pesquisa aqui destacada, além de mensurar as experiências dos participantes com que dialogo, exponho também minhas angústias durante o processo de construção do TCC e os bastidores de se estar dirigindo um documentário pela primeira vez.

Começamos a delinear o projeto de pesquisa na disciplina Teorias e Métodos de Pesquisa em Jornalismo. Foi o momento em que, de fato, fomos confrontados com a pergunta de qual seria o tema do nosso TCC. Ali, também fomos convidados a decidir qual seria o formato do nosso trabalho. Como citado anteriormente, buscou-se acompanhar personagens que escolheram um produto de pesquisa. Schoenherr (2011) explica que “quem escolhe fazer produto vai então fazer pesquisa através de (e com) um produto” (p. 78). Dessa forma, é preciso pensar quais contribuições um produto de pesquisa oferece para o campo jornalístico.

Schoenherr (2011) ainda defende que o TCC não deve apenas atender demandas do mercado ou das disciplinas do curso, mas recomenda pensar uma relação triádica

entre realidades de (a) mercado (que, aliás, vai além de grandes e divulgadas empresas do setor), (b) disciplinares/de curso e (c) de pesquisa – o que implica, entre outras coisas, investigar demandas de produtos e serviços jornalísticos nem sempre contempladas satisfatoriamente na atual disposição do circuito de produção, circulação e consumo cultural (Schoenherr, 2011, p. 82).

Assim, a validação de produtos como pesquisa de graduação em Jornalismo deve levantar algumas questões como: quais saberes, teorias o produto está a serviço? Qual tipo de conversação pretende estabelecer? Esse produto reinventa ou questiona o mercado jornalístico? Aciona conhecimentos de múltiplas disciplinas do curso? Que demandas regionais se pretendem atender com o produto? Qual sua pertinência para o campo jornalístico? (Schoenherr, 2011).

Entre os participantes desta pesquisa, notou-se, desde o início, uma preocupação de pensar produtos com um formato que pudesse alcançar o público que desejava ou que fosse mais adequado para contar a história de maneira aprofundada. Sobretudo, a escolha de temas que trouxessem para o centro da narrativa personagens invisibilizadas pela mídia, atendendo a demandas sociais urgentes, exemplificada na escolha dos participantes: Maria Clara preferiu discutir em um livro-reportagem políticas públicas e jovens internos do Conjunto Penal de Juazeiro oriundos do bairro Argemiro; Jéssica Cardoso busca perceber através de um livro-reportagem como a interseccionalidade incide sobre a identidade das trabalhadoras assalariadas rurais do Perímetro Irrigado de Maniçoba; Moacir Santana investiga através de um documentário o bar/boteco como um espaço político de lazer para a classe trabalhadora, Otávio Duarte escreveu uma monografia, analisando os métodos de checagem de informação por alunos do 1º ano do ensino médio do Colégio Estadual de tempo integral Paulo José de Oliveira; Mariana Brasileiro escreveu um livro-reportagem sobre a incidência da violência obstétrica no Hospital Materno Infantil de Juazeiro; e Madeleine Mourão também escolheu o formato livro-reportagem para compreender o papel da justiça restaurativa em casos de violência contra a mulher no município de Juazeiro.

O tema do TCC, além de estar relacionado a um serviço jornalístico nem sempre reconhecido no atual mercado cultural (Schoenherr, 2011) também está ligado a algo muito pessoal ou que instiga esses estudantes para além da conquista de uma aprovação. Nossos temas dizem respeito às nossas próprias trajetórias, ao que acreditamos e defendemos enquanto proposta de comunicação, do fazer jornalismo. Por isso, a frase que ouvimos dos nossos professores de que “ninguém sabe mais do nosso tema do que nós mesmos”, afinal de

contas, faz sentido: o tema, no que condiz a turma de concluintes 2024.1 do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, está intrinsecamente relacionado a nossa vivência social e é um dos responsáveis por tornar esse amadurecimento profissional em um desafio, mas também, em algo prazeroso, pleno de aprendizados.

Com base nessa ponderação, já na reta final da minha pesquisa, resolvi aplicar um formulário para quantificar se o TCC influenciou ou não nas identidades/carreiras profissionais dos egressos de Jornalismo em Múltiplos Meios e quais os fatores dificultadores de construção do TCC. As perguntas que compuseram esse formulário foram as seguintes: “Como você descreveria o período de construção de seu TCC?”, “Seu TCC promoveu algum tipo de impacto em sua vida profissional?”, “Você estagiava na época de construção de seu TCC?”, “Durante o processo de conclusão do curso, quais suas maiores dificuldades?” e “Sua vida ficou sobrecarregada durante a construção de seu TCC?”.

O link desse instrumento de pesquisa foi disponibilizado no Google Forms em grupos de WhatsApp do curso e 16 pessoas responderam, entre elas, oito egressos e oito estudantes que estão prestes a defender o TCC no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. Três pessoas descreveram o período de construção do TCC positivamente, utilizando palavras como “empolgante”, “tranquilo” e “um período de reflexão e aprendizado”. O restante descreveu como um processo “desafiador”, “exaustivo físico e emocionalmente”, “caótico”, de “muita cobrança e ansiedade”. Por que o momento em que temos a chance, pela primeira vez na nossa trajetória universitária, de demonstrar protagonismo e falar da temática que nos instiga, é marcado por tanta pressão e exaustão?

Inferimos que 68,8% dos entrevistados estagiavam ou trabalhavam na época do seu TCC. Quando analisamos as respostas sobre as dificuldades enfrentadas durante a construção desse projeto, a grande maioria cita a dificuldade de conciliar o tempo entre estágio/trabalho, vida pessoal e realização do TCC como o principal desafio. Muitos também relataram a ansiedade como elemento dificultador desse processo. Com relação à vida privada ter ficado sobrecarregada ou não durante a construção do TCC, 81,3% responderam que sim, relatando terem renunciado a momentos de lazer para focar na pesquisa ou quando se permitiam o descanso, sentiram-se culpados ou ansiosos por não estarem trabalhando no TCC.

No processo de construção desta investigação, existiram outros elementos facilitadores e dificultadores, entre eles, um elemento-chave que pode definir os rumos do trabalho é a relação entre estudante e orientador. Por vezes, a academia quer nos prender a um rigor científico, ignorando nossos saberes, as vivências que possuímos a partir do local de experiência do qual partimos nos nossos intentos comunicativos. De modo que, em alguns

casos, torna-se difícil dialogar com o orientador, surgindo uma sensação de que talvez o TCC não seja nosso, por não nos sentirmos escutados em um momento em que queremos falar o que realmente desejamos.

Durante a disciplina de Seminários Avançados, onde deveríamos desenvolver a metodologia do nosso trabalho, houve uma insegurança generalizada entre a turma, pois, a docente da disciplina sugeriu alterações nas versões dos projetos iniciadas em Teorias e Métodos de Pesquisa. Por falta de encontros presenciais no início da disciplina e um diálogo mais constante entre turma e docente, houve confusão na forma de como conduzir essas mudanças. Em acordo com seus orientadores, os estudantes da disciplina decidiram acatar as mudanças. Porém, no meu caso, havia duas mudanças específicas que eu e minha orientadora de TCC não concordávamos com a docente da disciplina: desistir de acompanhar os três personagens iniciais que não se formariam junto comigo e retirar a discussão sobre a saúde mental, pois a docente julgava ser um tema à parte que daria outro TCC. Houve até mesmo a sugestão de que mudasse meu tema, tirando o foco do acompanhamento no TCC e priorizando apenas o amadurecimento profissional, quando eu já tinha cinco meses de gravação conversando com os participantes sobre a construção dos seus projetos.

Compartilho esse depoimento como uma forma de explicitar que a docente de Seminários Avançados teve muita dificuldade para compreender meu tema, pelo seu caráter experimental e ensaístico. Ela queria prender meu projeto a sua visão do que deveria ser um trabalho científico, sem considerar porque era importante para mim trazer as discussões propostas com as personagens escolhidas. Eu peguei minha primeira final por defender meu projeto da maneira como o imaginei com o apoio da minha orientadora que poderia ter me instigado a ir por um caminho diferente, mas respeitou meu processo. Além disso, Moacir Santana foi reprovado na mesma disciplina, pois, ainda não tinha um orientador, porque, quando explicitava seu tema, segundo relato dele, os professores não demonstravam interesse, colocando seu projeto em descrédito.

Percebi, nas conversas com os participantes desta pesquisa, que ter uma orientação de pesquisa que acredite em seus temas e construam uma relação de diálogo com eles é essencial para o bom andamento do projeto, podendo ser um elemento facilitador ou destrutivo desse processo. Ressalto também, a importância dos componentes curriculares como espaço de delineamento e reflexão dos primeiros esboços do projeto. Na disciplina de Teorias e Métodos de Pesquisa, os estudantes realizaram uma atividade de mapeamento de todos os TCCs do curso de Jornalismo em Multimeios, dividindo-se em grupos a partir dos formatos de produtos

de pesquisa e analisando-os minuciosamente em um Seminário, o que proporcionou conhecimento sobre formatos, temas e linguagens do TCC.

Outro elemento dificultador da construção do TCC percebido durante a pesquisa, é que há uma cultura no ambiente acadêmico de que o TCC é o grande momento dessa trajetória universitária, um clímax que deve englobar todos os conhecimentos apreendidos durante a graduação, sendo uma vitrine para demonstrar excelência acadêmica. Gera-se uma pressão por parte dos professores e dos próprios estudantes que acabam colocando um peso considerável em uma experiência que apesar de desafiadora, não deveria ser causadora de angústia. Como aponta Rafael Oliveira (2023) em entrevista, é preciso:

Mudar a perspectiva da pressão do estudante que tem que entregar um trabalho perfeito, que tem que tirar 10. De que é o trabalho que vai ser o projeto do seu futuro que vai te definir enquanto estudante e futuro profissional pra uma perspectiva de acolhimento, orientação e de que você ainda está em desenvolvimento, de que ainda não é um profissional formado. Sempre estamos em desenvolvimento durante a nossa vida. Então, que esse período do Trabalho de Conclusão de Curso é só mais um período de desenvolvimento, mais um capítulo em que o estudante está se desenvolvendo e não define esse estudante ou esse futuro profissional. De que haverá novas experiências, novas oportunidades pra esse estudante colocar em prática tanto a teoria como a mão na massa, vamos dizer assim (Oliveira, 2023).

Constatei que a finalização do curso representa um momento crítico, muitas vezes, despertando gatilhos e ansiedade nos estudantes (Oliveira, 2023). Por vezes, o ambiente universitário se caracteriza como um espaço que não representa acolhimento, principalmente, quando pensamos em novos sujeitos epistêmicos que adentram esse espaço: indígenas, pretos, pessoas neurodivergentes, PcD, a comunidade LGBTQIAPN+. A instituição universitária adota um discurso que coloca o sofrimento mental de seus estudantes como um caso isolado, com foco apenas no indivíduo, ignorando seu papel em ofertar estratégias de proteção que promovam um ambiente acolhedor.

Assim, é preciso compreender que as variáveis do contexto acadêmico afetam o Bem-Estar Psicológico (BEP) dos estudantes (Oliveira; Vêras, 2023). Variáveis que vão desde cargas horárias excessivas, dificuldades de deslocamento e emprego, racismo, assédio moral e sexual, perspectiva de futuro e dificuldades de adaptação decorrentes da pandemia de Covid-19. Como aponta Oliveira e Vêras (2023),

Na perspectiva de Silva et al. (2023), os sintomas de depressão, ansiedade e estresse estão correlacionados com diversos fatores inerentes ao contexto acadêmico, a demandar intervenções voltadas à promoção de saúde mental que ultrapassem o foco no sujeito individual e em sofrimento, implicando diretamente a Universidade e a sua comunidade nessa abordagem integrativa (p. 147).

Entre os participantes desta pesquisa, foi possível notar ainda uma exaustão generalizada decorrente das demandas interpessoais, acadêmicas, do estágio e de insegurança quanto ao futuro. Muitas vezes, expressando angústia e até mesmo falta de autoestima com a finalização desse percurso. Por falta de suporte psicológico na universidade ou de espaços de acolhimento, por vezes, sentimos que nosso desempenho acadêmico foi afetado, dificultando também a experiência de construção do TCC que, em certos momentos, precisou ser colocada de lado ou até mesmo atrasada pelas variáveis do contexto acadêmico. Destaco também, que a turma escolhida para ser observada nesse projeto enfrentou a pandemia, tendo seu tempo de formação previsto em quatro anos e meio estendido para seis anos/seis anos e meio, visto que nem todos os integrantes da turma irão se formar no mesmo semestre por causa de atrasos/reprovação em componentes curriculares, contribuindo ainda mais para essa exaustão física e mental.

Esse fato sinaliza a necessidade da universidade promover uma conscientização maior das suas dificuldades estruturais, desenvolvendo a escuta das trajetórias desses estudantes e buscando maneiras de oferecer serviços de psicoterapia, aconselhamento profissional e até mesmo mentorias que visem auxiliar o bem-estar psicológico no ambiente acadêmico.

Portanto, estratégias como a orientação profissional eficaz, a incluir aconselhamento de carreira, psicoterapia e intervenções de *mindfulness*, podem ajudar os estudantes a se sentirem mais confiantes em suas escolhas. Ademais, é de fundamental importância a criação de relações sociais fortes e de estratégias de gerenciamento do tempo e dos estudos para reduzir os efeitos negativos da pressão acadêmica (Oliveira; Vêras, 2023, p. 151).

Quanto a se o TCC impactou suas vidas profissionais, 75,0% responderam que sim e 25% não. Notou-se que mesmo que alguns egressos não atuem em uma área diretamente ligada ao tema ou formato de seu TCC, os conhecimentos apreendidos na construção do projeto tiveram impactos em suas formações, contribuindo para seu amadurecimento no mercado de trabalho. Com relação aos participantes desta pesquisa, ainda não é possível mensurar de que maneira o TCC vai influenciar em suas escolhas profissionais. Com exceção de Otávio, que busca desenvolver seu TCC como um projeto de mestrado, os outros participantes estão abertos a possibilidades, aguardando uma chance em um mercado profissional precarizado.

## 7. DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO

Este projeto nasceu da angústia de chegar ao fim do curso e sentir que precisava fazer algo que representasse nossas vivências naquele ambiente. Sempre pensei que nosso testemunho enquanto estudantes, nossas dificuldades no ambiente acadêmico não eram abarcadas genuinamente pela universidade. Eu queria um produto que me permitisse captar as nuances de estar nos períodos finais do curso, lidando com inúmeras atividades, ao mesmo tempo que sentíamos a pressão para delinear e construir o TCC. O documentário permitia que registrasse essas mudanças e desalinhos, dando imagem e som as nossas desventuras e permitindo que defendesse meu ponto de vista sobre amadurecer no ambiente acadêmico.

Inicialmente, havia pensado que seria um documentário participativo, pois seria um observador participante e que também teria características do modo performático ao colocar um off de tom mais íntimo. No entanto, como viria a descobrir mais tarde, o que estava fazendo era um filme-ensaio, a operação de um ato experimental a partir de um ponto de vista em que o ensaísta inscreve sua subjetividade (Teixeira, 2022).

Eu me pus a refletir sobre as vivências dos meus colegas de turma e a minha própria, buscando na forma fílmica uma maneira de representar esse pensamento, esse modo de ver o amadurecimento profissional nos anos finais da graduação. "Escreve ensaisticamente quem tenta capturar seu objeto por via experimental, quem descobre ou inventa seu objeto no ato mesmo de escrever, dar forma, comunicar [...]" (Bense, 2018, p. 115).

Eu inventei este produto conforme fui vivenciando ele, com as ideias surgindo e sendo construídas com e a partir da interação com os participantes e o que vivíamos cotidianamente na universidade. Eu tinha uma ideia inicial, mas nada foi pré-definido. Eu havia farejado uma verdade sem contudo tê-la em mãos (Bense, 2018). O caos estava acontecendo e eu só queria capturar um pouco dele, dar forma, algum tipo de reflexão ao momento que vivenciávamos.

Relatar em primeira pessoa não é uma tarefa fácil. Estar de frente a câmera foi um temor para mim, principalmente, quando os participantes me filmavam. A reação do meu corpo era de timidez, queria fugir ou me esconder. Mas, ainda assim, aceitei o desafio e pus minha subjetividade em cena. Como aponta Santos (2012, p. 25), "a câmera subjetiva é um dos dispositivos usados no documentário em primeira pessoa para resolver semioticamente o discurso do 'eu'".

Entre as características do documentário em primeira pessoa, estão uma câmera que funciona como os olhos do personagem, o uso da locução em primeira pessoa, a revelação do "eu" mediante texto inscrito sobre a imagem, a presença do sujeito em frente à câmera e o uso de materiais oriundos de diversas mídias (fotografia, desenhos, vídeos, filmes) [Santos, 2012].

Esse tipo de documentário se distancia de uma linguagem objetiva e imparcial para prezar por um ponto de vista mais pessoal, reflexivo que foca na relação entre sujeito e objeto. Mas, como não perder-se no eu? Um discurso em primeira pessoa consegue promover o encontro com o outro? Trato mais sobre essas questões no próximo tópico em que me pus o exercício de escrever em terceira pessoa, como um crítico que se depara com uma obra e mensura as provocações éticas que ela desperta.

Para construção desse ensaio audiovisual em primeira pessoa, busquei referências em séries e documentários que me instigaram esteticamente. Quando iniciei as filmagens, em maio de 2023, eu estava fascinado com a série *The Bear* da *FX* e seu uso de planos fechados que trazem um ar de intimidade e crueza na forma como apresenta seus personagens. A outra série foi *Succession* da *HBO* que faz uso de uma câmera viva que não tem piedade dos seus personagens, acompanhando seus embaraços e contradições e fazendo uso constante do zoom como forma de chamar ainda mais atenção para o discurso, ação e reações das personagens. Assim, neste projeto, busquei fazer uso de planos fechados para trazer uma sensação de intimidade e proximidade com os participantes da pesquisa, como também utilizei o zoom no início das filmagens sempre que queria destacar uma fala que julgava mais vulnerável ou uma expressão reveladora do humor desses personagens.

Ao assistir o documentário *Tio Yanco* de *Agnès Varda*, tive a ideia de usar *voz over* para dar um tom ainda mais íntimo e também performativo ao documentário. A direção de arte do filme de *Varda* também me inspirou a ter atenção aos locais que gravava na *UNEB*. Sempre priorizei gravar em lugares dentro da universidade que ainda não haviam sido filmados por mim. Além disso, busquei sair do ambiente universitário e encontrar outras locações com mais vivacidade, cores, como a Orla II de Juazeiro e a pista de skate presente na mesma.

Uma preocupação constante era de não fazer um documentário preso apenas aos personagens falando para a câmera, como numa entrevista. Queria que houvesse imagens de apoio, mas também, capturar momentos em que eles estivessem interagindo livremente com outras pessoas ou em espaços que necessariamente não estavam sendo provocados pela câmera. No início, foi difícil perseguir essa ideia, mas, depois de cinco meses de gravação, em outubro de 2023, ao assistir o documentário *The Minding Gap*, pude ver como o diretor fazia uso de uma câmera subjetiva que acompanhava seus personagens cotidianamente, sem timidez ou medo, o que me deu mais coragem e inspiração para buscar cenas que priorizasse as interações desses personagens uns com os outros e seu entorno.

Com relação a composição dos enquadramentos, busquei fazer o uso de meio primeiro plano, primeiro plano e primeiríssimo plano, no intuito de realmente promover uma aproximação das personagens com os espectadores. Fiz uso de ângulos na altura dos olhos para passar uma ideia de conversação e não intimidação. Todavia, particularmente, tenho um apreço pelo contra-plongée e, muitas vezes, o utilizei pela questão estética, mas também porque queria trazer uma sensação de força e crescimento para essas personagens mesmo quando o que estivessem falando expressasse vulnerabilidade ou insegurança.

Considerando que não houve um roteiro prévio, mas uma experiência em que as imagens foram sendo construídas, de acordo com as situações que as personagens viviam, abraçando o imprevisto; optamos, antes de fazer a montagem, separar as filmagens por temáticas. Assim, quando reunimos conceitualmente os vídeos que conversavam entre si, pensamos uma montagem por blocos que trouxesse reflexões referentes aos objetivos da pesquisa, mas também representasse uma ordem cronológica dos acontecimentos, fazendo demonstrar as mudanças enfrentadas pelos participantes.

O primeiro bloco foca na dúvida da escolha do tema de TCC durante a disciplina de Teorias e Métodos de Pesquisa no semestre 2023.1. Logo após, há um momento digressivo narrado por mim sobre as férias desses personagens, visto que utilizar seus depoimentos durante o período de férias aumentaria ainda mais o tempo do documentário. No segundo bloco, estão as questões referentes ao estágio e seus impactos ao bem-estar psicológico dos estudantes. No terceiro bloco, há questões referentes à saúde mental das personagens com as diversas demandas do semestre 2023.2 onde estavam cursando a disciplina de Seminários Avançados. O quarto e último bloco busca trazer essas personagens em campo na construção do produto de pesquisa, como também, expõe uma reflexão sobre o encontro entre o documentarista e os participantes da pesquisa.

A edição foi feita no Filmora X e apresentou alguns desafios, pois precisei transformar mais de um ano de filmagens em uma hora. Bastante coisa ficou de fora. Por outro lado, a vida desses personagens continua acontecendo. Os três participantes com quem iniciei esse projeto ainda tem um semestre para defender seu TCC. A história ainda está acontecendo. Isso me causa a sensação de que a montagem é capaz de assumir muitas formas. Inclusive, esse documentário poderia ter sido montado de diversas maneiras, algumas delas mais objetivas, curtas ou embaralhando a ordem cronológica. No entanto, considero que esta versão consegue demonstrar as nuances desse tempo que acompanhei a trajetória de amadurecimento desses personagens.

A câmera utilizada para a gravação foi uma Sony ZVE-10, *mirrorless*. Não foi usado nenhum tipo de microfone para captação do som, já que eu não tinha e a universidade não disponibiliza esse equipamento. Como esse modelo de câmera captura bem áudio, decidi manter o som ambiente, o que incita a curiosidade do espectador ao perceber como os sons, ruídos que povoam o entorno desses personagens afetam seus corpos.

### **7.1. ENTRE O ATO DE APROXIMAÇÃO E A SEPARAÇÃO**

A câmera vai se afastando do jovem documentarista, enquanto acompanhamos sua confusão e desconforto ao não saber como reagir àquela longa tomada que vai se distanciando cada vez mais, deixando-o sozinho sentado na trilha que leva ao outro Departamento da Universidade. É curioso que a primeira vez que sua amiga, Maria Clara, uma das participantes do documentário, teve a chance de gravá-lo, ela tenha decidido afastar a câmera dele, o oposto da sua vontade ao fazer esse documentário: uma necessidade de aproximação.

Foi a partir dessa constatação que ele começou a refletir, na construção do documentário, sobre a relação entre quem filma e é filmado e como ela é permeada de tensões, um jogo de poder que levanta questões éticas. “Quais as fronteiras entre o público - ou o que pode se tornar público - e o privado? Questão que, no caso do filme documentário, se traduz basicamente no seguinte dilema: o que pode ser mostrado? E aquilo que pode ser mostrado, como deve sê-lo? Quais serão as consequências dessa minha mostração? (Freire, 2011, p. 30).

Havia coisas que os participantes partilhavam com o documentarista fora da câmera que desenvolvia uma ânsia, uma vontade de registrar tudo. Queria documentar. Mas, logo, ele voltava à razão e compreendia que estavam dividindo aquilo com o amigo e não com o documentarista. Assim, ele percebia que algumas coisas do íntimo das suas vidas não deveriam ser devassadas e expostas, apenas mantidas entre eles. Por vezes, essa aproximação, como bem destacou uma das participantes do documentário, pode ser perigosa. Nem sempre se está bem para enfrentar o outro, para colocar-se vulnerável diante da câmera e daquele que a segura saber tanto sobre suas vivências.

Para o jovem documentarista, mostrar-se vulnerável para os participantes também não era fácil. Em alguns momentos, as dinâmicas dessa relação provocavam tensões que ele optava por deixar no campo do interdito, o que causou certa apreensão em alguns momentos que deveria filmar os participantes, pois a linha entre documentarista e amigo muitas vezes ficava borrada. E o fato de partilhar o discurso com os participantes, ao dar a câmera a eles

permitindo-os que o gravasse, também contribuía para essa apreensão de mostrar-se vulnerável, quando não sabia nem mesmo onde colocar suas emoções por aquelas pessoas.

Inicialmente, o jovem documentarista buscava gravar a si mesmo, como se estivesse em um vlog em que desabafava sobre os bastidores de estar fazendo um documentário. Só então, ele percebeu que estava tão implicado com as questões que permeavam o documentário quanto seus participantes, sentindo a necessidade de compartilhar a câmera com eles. Ao mesmo tempo que os gravava, também era gravado por eles, trazendo à tona sua insegurança de estar de frente a câmera, seu medo de ser visto. No trajeto, também contou com a ajuda de outros colaboradores, colegas de outras turmas e até desconhecidos a quem entregava a câmera para que pudesse ser filmado por eles.

Esse processo de partilha do discurso promoveu trocas genuínas, conversas que permitiram que esses graduandos desabafassem entre si sobre questões que nem sempre eram postas em discussão, em momentos de socialização com os outros colegas, ultrapassando a relação de amigos e criando um espaço de confiança entre participantes da pesquisa e documentarista. Criou-se uma dimensão de si mesmos em que podiam falar livremente, sem temor de julgamento ou censura e com a validação de aquele momento era reservado para o testemunho. Como explicitou o personagem Moacir, acabou se tornando uma “grande rede de apoio” para um momento delicado e complexo das suas vidas. Ou seja, um gesto ensaístico que buscou acolher o outro.

Utilizou-se o documentário como uma forma de compartilhar a experiência de amadurecimento profissional, de dar vazão a pensamentos e experiências que muitas vezes são mantidas no interdito nesses anos finais do curso ou que não são postas como objeto de reflexão pela Academia. De acordo com Laécio Rodrigues (2015), os dispositivos no documentário contemporâneo atuam como uma forma de extrair “da incerteza, por vezes, da partilha enunciativa sua condição de renovação” (Rodrigues, 2015, p. 140). O dispositivo atuou aqui como uma forma de criar um espaço de escuta, de encontro entre os personagens e com o espectador. Algo que se explicita no momento em que Jéssica questiona Jônatas quem o escuta e ele responde que ninguém. Naquele momento, pego de surpresa, ao ser interrogado por sua amiga que detém o controle da filmagem e tendo a câmera como sua testemunha, ele não se dá conta que o espectador, em algum momento, poderá ouvi-lo. Falar sobre si como uma forma de desabafo, mas também em busca de um outro que não vire o rosto, que permaneça, que sustente o que está sendo posto em cena, que seja testemunha.

Ele sempre queria simplificar o outro. Encontrar nele algo de reconhecível, algo em comum. Ele temia o outro. Sempre temeu. O outro questiona, faz ciência das nossas

limitações. Para ir ao seu encontro, é preciso perder-se, entregar-se e confiar. É um ato de doação que nem sempre será compreendido ou reconhecido. O outro nos transforma, demonstra que somos sujeitos apenas na medida em que participamos “de uma subjetividade partilhada e distribuída” (Sloterdijk, 2016, p. 79). Talvez, por isso, a falta de controle a que o Outro nos expõe o assustava tanto, mas o fascinava a ponto de sempre perseguir o encontro. “(...) os outros e as imagens outras são o que nos atravessam, o que nos ultrapassam, mas também o que nos escapam, na forma do desconcerto, da perplexidade ou de um estranho encantamento” (Feldman, 2012, p. 63).

Na experiência do jovem documentarista, mesmo quando há o encontro, sempre haverá algo do desencontro. Os não ditos, as rumações e silêncios que contém em si multitudes. Ainda que tentemos irrefreavelmente encontrar novas formas de nos comunicarmos, sempre falhamos em nossos intentos comunicativos. A nossa escuta é falível, limitada e a nossa atenção é como uma agulha no palheiro. O que não impede de continuarmos tentando produzir e aperfeiçoar diálogos.

Por vezes, na sua relação de pesquisa com Moacir, o documentarista se sentiu frustrado. O tempo de Moacir não era o mesmo que o seu. Conseguir entrevistá-lo significava muitas tentativas que falharam até gerar cansaço e depois dar certo. Mas, era mais profundo que isso: a forma de Moacir se comunicar era entremeada por outras vivências que o documentarista não tinha ciência e não compreendia, exemplificado no momento em os dois conversam sobre silêncio masculino. Naquele momento, a partir das suas distâncias, eles se encontraram.

O encontro não significa homogeneização, ele implica algo da separação. Feldman (2012) convida a pensar a separação não por um viés negativo, mas compreendendo-a como fundamental para tomar consciência de si e o que nos distingue do outro, a possibilidade do encontro entre aqueles que podem convergir em pontos comuns, mas não possuem trajetórias iguais, o reconhecimento do Outro enquanto tal e das distâncias que nos formam.

Apesar das dificuldades, de chegar ao fim desse percurso e sentir que o afastamento dos seus amigos de turma é algo inevitável, que está em curso. O jovem documentarista teve a aproximação que buscava. Conseguiu presenciar o amadurecimento dos graduandos ao se relacionarem com seus temas e fontes de pesquisa, com seus imprevistos e conquistas, enquanto ele mesmo lidava com a confusão de deixar uma identidade estudantil de lado na tentativa de adotar uma postura profissional. Vivenciou o que torna suas experiências comuns, mas também, o que as distingue.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o amadurecimento profissional é afetado por variáveis do contexto acadêmico e socioeconômico desses personagens. A necessidade de se manter financeiramente durante essa trajetória leva a uma dificuldade de administração do tempo, visto que, a universidade trata seus componentes curriculares como um universo por si só exigindo dedicação total de seus estudantes. Os mesmos nem sempre podem se dedicar plenamente ou conseguem se apropriar dos códigos e técnicas no tempo desejado, sofrendo atrasos na formação. A pandemia também teve papel preponderante nisso ao nos privar de aproveitar o espaço acadêmico por dois anos, impossibilitando a experimentação dos componentes práticos do currículo e as interações entre as turmas.

No que concerne a construção do TCC, demandas de estágio e trabalho afetam a dedicação exclusiva a esse trabalho, influenciando no desempenho desses estudantes que, por vezes, precisam adiar a formação para priorizar a vida financeira ou por questões psicológicas, como a ansiedade, que leva discentes a também adiarem a formação como constatou o formulário enviado aos egressos do curso. No caso das personagens deste documentário, o principal fator de atraso no desenvolvimento de seus TCCs foi o enfrentamento da pandemia e um retorno às atividades presenciais que não teve uma reflexão digna dos seus desafios. Priorizamos, nesse retorno, disciplinas que julgamos melhor para o nosso desempenho naquele momento, considerando as variáveis que demandaram o nosso tempo e atenção, a exemplo do estágio extracurricular, levando a um atraso na formação de alguns participantes.

Notou-se que a construção do TCC permite aplicar conhecimentos de outras disciplinas: as teorias que vemos durante o curso, as técnicas de entrevista e reportagem, os conhecimentos sobre a construção de produtos. Mas são nas disciplinas de Teorias e Métodos de Pesquisa e Seminários Avançados que temos a chance de refletir sobre nossas escolhas e experimentações sobre formatos, linguagens e temas para o TCC.

Também apreendeu-se a relevância de estudar a produção dos TCCs em jornalismo como uma forma de perceber como as práticas jornalísticas são afetadas ontem e hoje pelos estudos e experiências dos estudantes da área (Jacob, 2020). Os TCCs deixam pistas de como a prática jornalística possui modelos tradicionais de atuação, por vezes, invisibilizando as minorias sociais. Dessa forma, a atuação de estudantes de jornalismo no processo de construção do TCC pode trazer apontamentos sobre a necessidade de reconfiguração de modelos tradicionais, pensando a inovação de linguagens, formatos e temas. Percebeu-se na prática dos estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios um olhar que busca trazer à

tona vozes que estão às margens da narrativa, produzindo linguagens experimentais que não puderam vivenciar em suas práticas de estágio. Além disso, notou-se uma humanização da prática jornalística. Ao lidarem com as fontes de pesquisa, esses estudantes vivenciaram cotidianamente questões éticas que nenhuma teoria jornalística poderia sintetizar, descobrindo na prática, através do diálogo e da responsabilidade social formas de ir ao encontro do outro e o compromisso de narrar suas histórias com seriedade e humanização.

Ressalto que o amadurecimento profissional vai além da construção do produto, mas perpassa todas as vivências experimentadas no ambiente universitário. Por isso, permitam-me um breve desabafo: Por vezes, pareceu que eu não ia conseguir entregar esse projeto. Enquanto escrevo isso, sou tomado pelo pânico e ansiedade, sem saber como lidar com esse fechamento de ciclo, totalmente inseguro com o que há de ser o meu futuro. Até aqui eu tenho o nome de estudante. É difícil para mim reconhecer o título de jornalista. Porque amadurecer não é uma linha reta. E abraçar essa mudança parece como abandonar uma versão minha para ir em direção a outra, totalmente desconhecida. O TCC é um momento de imensa turbulência porque exige entrega total, mas também, porque representa um momento crítico de transição de identidade e decisão. Estar na universidade é ser transformado em todos os sentidos. Nas teorias que nos fazem enxergar o mundo por um outro viés, nas técnicas que inicialmente nos fazem sentir despreparados, deslocados, exigindo postura, aperfeiçoamento, modulação de uma personalidade jornalística e profissional. As relações de amizade e conflito com os professores. As descobertas encontradas junto aos colegas de curso, aos amigos de turma. Não é possível entrar nesse ambiente e não sair mudado. E o TCC culmina num momento de vulnerabilidade e reflexão do calouro que entrou e do jornalista que precisa seguir, às vezes, sem perspectiva em um mercado de trabalho sempre em mutação.

Fez-se evidente que a universidade, o curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, precisa criar mecanismos de escuta dos seus estudantes, ofertar serviços de aconselhamento para a carreira, além de reflexões das experiências de estágio e os desafios do mercado profissional. É preciso romper com a perspectiva de um ambiente acadêmico em que apenas nós nos adaptamos a esse espaço, cambaleando em nossas ações ao tentar compreendê-lo.

Por fim, inferimos que o dispositivo no documentário contemporâneo pode provocar encontros negativos, cheios de dissonância, mas também, possibilitar encontros felizes. Acho que o que tentei demonstrar neste projeto foi como o encontro com o espaço universitário, com as pessoas que conhecemos nele nos afeta, nos transmuta.

## 9. REFERÊNCIAS:

BARBOZA, Marli; SARDINHA, Antonio. O estágio em jornalismo sob uma perspectiva pedagógica – a experiência na Universidade Estadual de Mato Grosso. **REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Ponta Grossa, v.1, n.10, 81-109, jun a dez. 2012.

BENSE, Max. O ensaio e a sua prosa. In: Doze ensaios sobre o ensaio: antologia **serrote** / PIRES, Paulo Roberto (organizador). São Paulo: IMS, 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política** da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua: ensaio sobre o dever da felicidade**. SP: Bertrand Brasil, 2002.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017.

FELDMAN, I. “Um filme de”: dinâmicas de inclusão do olhar do outro na cena documental. In: **Revista Devires – Cinema e Humanidades**. Publicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da UFMG. Belo Horizonte, V. 9, N. 1, pp. 50-65, jan/jun 2012. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~devires/v9n1/download/03-ilana.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2024.

FRANCISCO, Bruna Gobatto. **Um estudo sobre os acadêmicos ingressantes e concluintes do curso de ciências contábeis da UNESC**. 2012. 62 p. Orientador: Fabrício Machado Miguel. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Contábeis. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma-SC.

FREIRE, Marcus. **Documentário: ética, estética e formas de representação**. São Paulo: Annablume, 2011.

GUIMARÃES, J. C.; SILVA SOBRINHO, F. D.. Fatores facilitadores e dificultadores à construção do TCC. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v.11, n.3, p.82-99, 2020. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-684X.2020.003.0006>

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JACOB, Helena Maria Afonso. Jornalismo e alimentação nos TCCs do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero: a memória da cultura que transforma a prática jornalística. **Faculdade Cásper Líbero**, São Paulo, 2020.

“JUSTIÇA POR Guilherme”: morte de estudante após TCC abre discussão entre colegas de faculdade, em Salvador. **Aratu On**, 12 set. 2022. Disponível em: <https://aratuon.com.br/cidade/2022-07-08/justica-por-guilherme-morte-de-estudante-apos-tcc-abre-discussao-entre-colegas-de-faculdade-em-salvador/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

**JUAZEIRO.** [(Regulamentação de Estágio para o curso de bacharelado em Comunicação Social) – Jornalismo em Múltiplos da Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA; (2013)].

LEAL; Zulenilton Sobreira; PEREIRA, Manuela. Estágio supervisionado em Jornalismo: uma reflexão pedagógica dentro dos espaços da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Ano XV, n. 4, Abril/2019. **NAMID/UFPB**.

MARQUES, Kelia A.; MESQUITA, Fernanda L.; MELO, Ana F. F.; SILVA, Andréa V. da S.; BRASILEIRO, Simone H. da S. Abordagens metodológicas no campo das pesquisas científicas. In: **Métodos de pesquisa: bases gerais para compreensão de sua produção científica**: volume 2 / organizadores, SILVA, André Vasconcelos; LEAL, Geraldo Sadoyama; ROSALEM, Wagner. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

MESQUITA, Cláudia. “Retratos em diálogo – notas sobre o documentário brasileiro recente”. In: Novos estudos CEBRAP, n.86, março 2010.

OLIVEIRA, Rafael Anunciação. **Saúde Mental de Estudantes Universitários: fatores associados aos transtornos mentais comuns durante a vivência acadêmica**. Salvador, 2022, 241 f. Orientadora: Maria Beatriz Barreto do Carmo. Coorientadora: Renata Meira Vêras. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 2022.

OLIVEIRA, Rafael Anunciação; CARMO, Maria Beatriz Barreto; VÉRAS, Renata Meira. A entrada de novos sujeitos epistêmicos na universidade e os desafios da vivência acadêmica. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.2, p. 11898-11911 feb. 2022.

OLIVEIRA, Rafael Anunciação; VÉRAS, Renata Meira. Bem-estar psicológico de estudantes da graduação: fatores de risco, fatores de proteção e estratégias de cuidado em saúde mental. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação** - December 2023.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A guerra na educação piora a já frágil saúde mental nas universidades. **Intercept**, 14 out. 2019. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/10/14/guerra-universidades-piora-saude-mental/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

RODRIGUES, L.R.A. Notas sobre o dispositivo no documentário contemporâneo. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 30, p. 138-148, dez. 2015.

SANTOS, Ana Cecília Costa. Documentário em primeira pessoa: relatos íntimos no audiovisual. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, 2012.

SILVA, Cláudia Sampaio Correia da Silva; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Experiências de Estágio: Contribuições para a Transição Universidade-Trabalho. **Paidéia**, jan.-abr. 2013, Vol. 23, No. 54, 103-112. doi:http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272354201312.

SCHOENHERR, Rafael. Considerações sobre validade de produtos de tcc em Jornalismo. **REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. 77 Ponta Grossa, v.1, n.8, p.77-96, jan. a jun. 2011.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Filme-ensaio e formas de inscrição da subjetividade. **Doc On-line**, n. 26, novembro de 2019, [www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt), pp. 25-35.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Do experimental ao filme-ensaio: passagens. **Significação**, São Paulo, v. 49, n. 58, p. 1-17 2022.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; GOMES, William Barbosa. Estou me Formando... E Agora? Reflexões e Perspectivas de Jovens Formandos Universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2004, 5 (1), pp. 47-62.

UEMA, Maria Vitoria. O real no cinema Verité. **Revista Gestão Universitária**, vol. 10, edição 2018, pp. 1-12.